

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Alan Santos/Agência Brasil



Bolsonaro e Trump: diferenças nos dois países

Brasil e EUA e suas democracias ameaçadas

No prefácio especial que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt escreveram para a edição brasileira do seu segundo livro, Como Salvar a Democracia, os dois cientistas políticos observam que Brasil e Estados Unidos teriam tratado de maneira diferente os seus momentos de clímax à ameaça de ruptura da democracia. No caso do Brasil, o 8 de janeiro de 2023, a invasão do prédio

dos três poderes. No caso dos Estados Unidos, o 6 de janeiro de 2021, a invasão do Capitólio, a sede do poder Legislativo. Levitsky e Ziblatt avaliam que as instituições brasileiras, especialmente o Supremo Tribunal Federal (STF), atuaram fortemente para punir os responsáveis. Os Estados Unidos, ao contrário, tratam até hoje de minimizar o que aconteceu.

Pesquisa

Esses desdobramentos por aqui do 8 de janeiro certamente ajudam a explicar a altíssima rejeição para o que houve registrada na pesquisa que o Instituto Quaest divulgou na segunda-feira (6): 86% dos entrevistados reprovam o que aconteceu naquele dia.

Bolsonaristas

Impressiona que é praticamente o mesmo o percentual de pessoas que declararam ter votado em 2022 em Jair Bolsonaro que rejeitam os atos de 8 de janeiro: 85%. Nos Estados Unidos, o presidente eleito Donald Trump trata o que houve como “um ato de amor”.

Lula Marques/Agência Brasil



Instituições brasileiras se uniram pela democracia

Investigações sobre papel de Trump foram arquivadas

No caso brasileiro, as investigações que se seguiram ao 8 de janeiro atingiram diretamente o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu núcleo mais direto. Seu candidato a vice-presidente, o general Walter Braga Netto, está preso. Bolsonaro está indiciado, deve ser denunciado este ano pela Procuradoria-Geral

da República. Nos EUA, o processo que apurava a responsabilidade direta de Donald Trump sobre o que aconteceu foi arquivado em novembro do ano passado. Se comenta agora que, após tomar posse, Trump também passe a conceder perdão e atenuar a situação dos mais de mil processados pela invasão.

Minorias

Em Como Salvar a Democracia, livro que continua o que Levitsky e Ziblatt trataram em Como as Democracias Morrem, grande parte da análise avalia a quantidade de regras contramajoritárias que existem nos EUA, que seriam fazendo o país ser governado pela minoria.

Senado

Mas o grande instrumento contramajoritário é a capacidade de o Senado fazer obstrução. Ou, como dizem, “filibuster”. Lá, para interromper um pronunciamento, é necessário o voto de 60 senadores em 100. Como o Senado é dividido pela metade, a obstrução é regra.

Eleições

Os modelos contramajoritários começam pelas próprias eleições. Os EUA têm um modelo de Colégio Eleitoral que permite a um presidente que não tem a maioria acabe eleito. Em 2016, Trump venceu as eleições sobre Hillary Clinton tendo 3 milhões de votos a menos.

Corte

Assim, nada que o Partido Republicano não queira avançar, mesmo que a sociedade queira. O problema cresce com a posição da Suprema Corte americana. Hoje, são seis ministros conservadores, contra três de posição mais liberal. Trump poderá até ampliar a situação.

Quaest: 86% dos brasileiros desaprovam 8 de janeiro

Diretor do instituto avalia “resistência da democracia”

Por Karoline Cavalcante

A pesquisa divulgada pelo Instituto Quaest nesta segunda-feira (6) revela que 86% dos brasileiros desaprovam as invasões das sedes dos Três Poderes, ocorridas no dia 8 de janeiro de 2023. A margem de erro é de um ponto percentual, para mais ou para menos.

Embora a desaprovação seja alta, observa-se uma leve queda em relação aos levantamentos anteriores. Em fevereiro de 2023, o índice de desaprovação era de 94%, e em dezembro de 2023, 89%. O percentual de “não sabe/não respondeu” subiu para 7%, contra 4% registrados anteriormente. A aprovação, por sua vez, passou de 6% em dezembro de 2023 para 7%.

Para Felipe Nunes, diretor do Quaest, essa rejeição reflete a resistência da democracia brasileira e a responsabilidade da elite política nacional. “Diante de tanta polarização, é de se celebrar que o país não tenha caído na armadilha da politização da violência institucional”, destacou.

No recorte por regiões, o Nordeste atingiu o maior índice de reprovação aos ataques, com 87%. Em seguida, Sudeste, Centro-Oeste e Norte empatados com 86%. Por último, a região Sul com o menor índice de desaprovação, 85%.

Na divisão por gênero, feminino e masculino apresentaram o mesmo índice de rejeição, 86%. Em uma avaliação de faixa etária, escolaridade e renda também há poucas modificações. Delas, destaca-se a



Joédson Alves/Agência Brasil

Cresceu percentual dos que vêem influência de Bolsonaro nos atos

menor rejeição por parte das pessoas mais pobres, que recebem até dois salários-mínimos.

Lula x Bolsonaro

Entre os eleitores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno de 2022, 88% desaprovam os ataques, contra 6% que os aprovam. Em fevereiro de 2023, esse índice era de 97% (antes eram 2% favoráveis), e em dezembro de 2023, 94% (antes eram 4% favoráveis).

Já entre os eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), 85% rejeitam as invasões, número igual ao registrado em dezembro de 2023, mas inferior ao índice de 90% verificado em fevereiro de 2023. Enquanto 9% aprovam os atos, houve uma pequena queda em relação

aos 11% de dezembro de 2023 e aos 6% de fevereiro de 2023.

Felipe Nunes comentou ainda que “ao longo do tempo, os eleitores moderados de Lula, que enxergam algum exagero nas acusações que Bolsonaro vem sofrendo tendem a relativizar suas posições. Ao mesmo tempo, os eleitores moderados de Bolsonaro, que enxergaram como graves as acusações contra o ex-presidente tendem a ficar mais severos na avaliação sobre seus atos, para não se sentirem cúmplices de algo que acreditam ser errado”.

“É imperativo que essa discussão sobre o 8 de janeiro não seja contaminada por cores partidárias, pois estamos tratando de um problema político nacional. Em jogo, estão a defesa das regras, da Constituição e da

própria democracia”, acrescentou Felipe Nunes.

Influência

Quanto à possível influência de Bolsonaro nos eventos de 8 de janeiro, 50% dos entrevistados responderam que, sim, avaliam que ele teve responsabilidade. No caso, esse percentual subiu: antes eram 47%, enquanto 39% afirmaram que não (eram 43%). Outros 11% não souberam ou não responderam. De lá para cá, acentuaram-se as investigações que apontam para o envolvimento do ex-presidente.

“Vale destacar a mudança na tendência do ano passado para cá. Entre 2023 e 2024, parecia que haveria uma relativização da participação do ex-presidente na organização dos atos”.

Poderes se preparam para atos em defesa da democracia

Valter Campanato/Agência Brasil



Peças destruídas estão sendo restauradas

Por Karoline Cavalcante

O governo federal realizará, nesta quarta-feira (8), uma série de cerimônias em comemoração aos dois anos dos eventos de 8 de janeiro de 2023, quando o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram invadidos e depredados por manifestantes.

A programação inclui momentos simbólicos, como a restauração de obras de arte danificadas durante os ataques. Ao longo da semana, algumas peças já foram entregues ao Palácio do Planalto, com destaque para a famosa pintura “As Mulatas”, de Di Cavalcanti, avaliada em R\$ 8 milhões. Esta obra, uma das principais do Salão Nobre, foi encontrada com vários rasgos.

Além disso, conforme informações da Folha de São Paulo, na segunda-feira (6), foram entregues uma escultura de parede em madeira do artista Frans Krajcberg, avaliada em R\$ 300 mil, e a escultura em bronze “O Flautista”, de Bruno Giorgi, estimada em R\$ 250 mil.

De acordo com a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom), ao todo serão recebidas 21 obras restauradas, além do relógio histórico Balthasar Martinot Boulle, do século 17, presente da corte francesa ao imperador Dom João VI, rei de Portugal, em 1808. A peça, de valor inestimável, estava em processo de revitalização na Suíça sem custo para o governo brasileiro,

graças a um acordo firmado com a Embaixada da Suíça no Brasil.

Programação

A programação do 8 de janeiro terá início às 9h30, na Sala de Audiências do Palácio do Planalto, com a reintegração de duas obras restauradas: o relógio e uma ânfora, ambos considerados símbolos da complexidade e delicadeza dos reparos. Também será anunciada a conclusão do processo de restauração das obras.

Às 10h30, ocorrerá o encerramento da obra “As Mulatas”. Estarão presentes cinco alunos do Projeto de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que entre-

garão ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva réplicas que produziram da ânfora — um vaso de barro antigo — e de “As Mulatas”.

O terceiro momento será uma cerimônia no Salão Nobre do Palácio do Planalto, às 11h, com a presença de autoridades e cobertura da imprensa.

O evento será encerrado com o “Abrço da Democracia”, na Praça dos Três Poderes. Este ato simbólico contará com a participação do presidente Lula, que, após o evento no Salão Nobre, descerá a rampa do Palácio do Planalto para se encontrar com o público. O Partido dos Trabalhadores (PT) anunciou sua participação na organização deste ato, que também contará com a presença de

movimentos sociais e partidos políticos das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo.

STF

No período da tarde, o Supremo Tribunal Federal (STF) dedicará momentos à reflexão sobre os acontecimentos. O vice-presidente da Corte, ministro Edson Fachin, dará início, às 14h, a uma roda de conversa com servidores e colaboradores que estiveram à frente da limpeza e recuperação das instalações depredadas, além da restauração das obras danificadas durante a invasão ao STF.

Às 15h30, o Supremo receberá quatro artistas plásticos de Brasília que criaram obras a partir dos destroços da invasão. Entre as peças, destaca-se o “Manto da Democracia”, de Valéria Pena-Costa, que reconstruiu simbolicamente a toga da ministra Rosa Weber, então presidente do STF, na data dos ataques.

Carppio de Moraes, por sua vez, expressou o luto com uma pintura inspirada nas páginas carbonizadas da Constituição Federal. Marilu Cerqueira utilizou fragmentos de pedras e vidros para representar a destruição do Tribunal, enquanto Mário Jardim, em parceria com Valéria Pena-Costa, entregará a palavra “democracia” esculpida em espelhos fragmentados, simbolizando que, apesar do ataque, ela permanece íntegra e viva. O STF ainda lançará um hotsite com informações detalhadas sobre os ataques e suas consequências.